

Jane Austen

PERSUASÃO

Seguido de duas novelas inéditas em português

EDIÇÃO COMENTADA

Apresentação:
Ricardo Lísias

Tradução:
Fernanda Abreu

Notas:
Fernanda Abreu
Juliana Romeiro



ZAHAR

Copyright da tradução © 2012, Fernanda Rangel de Paiva Abreu
Copyright da notas © 2012, Fernanda Rangel de Paiva Abreu e Juliana Romeiro

Copyright da edição brasileira © 2012:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1ª | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Preparação: Juliana Romeiro | Revisão: Eduardo Monteiro, Eduardo Farias
Projeto gráfico: Carolina Falcão | Capa: Rafael Nobre

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Austen, Jane, 1775-1817
A95p Persuasão / Jane Austen; apresentação Ricardo Lísias; tradução Fer-
nanda Abreu; notas Fernanda Abreu e Juliana Romeiro. – [Ed. comenta-
da]. – Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

Tradução de: Persuasion
Seguido de duas novelas inéditas em português
ISBN 978-85-378-0811-5

1. Romance inglês. I. Abreu, Fernanda. II. Título.

CAPÍTULO 1

Sir Walter Elliot, de Kellynch Hall, Somersetshire,¹ era um homem que, para se entreter, nunca lia outro livro que não o *Baronetage*;² nele encontrava distração para os momentos ociosos e consolo para os difíceis; nele sua admiração e respeito eram despertados pela contemplação dos poucos remanescentes dos primeiros títulos; nele qualquer sensação desagradável ocasionada por questões domésticas se transformava naturalmente em dó e desprezo. À medida que folheava os quase infindáveis enobrecimentos do século anterior³ – e, caso nenhuma outra página surtisse efeito, podia ler a própria história com um interesse que jamais arrefecia –, eis a página em que o livro preferido sempre se abria:

ELLIOT, DE KELLYNCH HALL

Walter Elliot, nascido em 1º de março de 1760, casado em 15 de julho de 1784 com Elizabeth, filha de James Stevenson, distinto cavaleiro⁴ de South Park, condado de Gloucester, com a qual (falecida em 1800) teve: Elizabeth, nascida em 1º de junho de 1785; Anne, nascida em 9 de agosto de 1787; um filho natimorto em 5 de novembro de 1789; e Mary, nascida em 20 de novembro de 1791.

-
1. Condado no sudoeste da Inglaterra, atualmente chamado apenas de Somerset.
 2. Livro de registro dos baronetes, menos importante dos títulos hereditários da Inglaterra, atualmente obsoleto. Embora não sejam nobres nem tenham o direito de integrar a Câmara dos Lordes, os baronetes têm direito ao tratamento Sir.
 3. Sir Walter despreza os inúmeros títulos concedidos mais recentemente.
 4. O termo original é *Esquire*, abreviação *Esq.*, título originalmente concedido na Inglaterra aos membros da classe situada imediatamente abaixo dos cavaleiros e mais tarde estendido a todos os cidadãos não nobres cuja posição social e prestígio fizessem jus a tal tratamento. Hoje é apenas uma forma mais pomposa de se dizer “senhor”, não indicando nenhuma distinção especial.

Era assim, sem tirar nem pôr, que o parágrafo havia saído originalmente das mãos do impressor. Sir Walter, porém, o havia aprimorado, tanto para a própria informação quanto para a da família, com o acréscimo das seguintes palavras após a data de nascimento de Mary: “Casada em 16 de dezembro de 1810 com Charles, filho e herdeiro de Charles Musgrove, distinto cavaleiro de Uppercross, Somersetshire”; e a indicação do dia exato do mês em que havia perdido a esposa.

Vinham então relatadas nos termos habituais a história e ascensão da antiga e respeitável família: como esta havia se instalado inicialmente em Cheshire e como era mencionada por Dugdale⁵ – serviu como xerife do condado,⁶ teve representantes municipais⁷ em três parlamentos sucessivos e demonstrou lealdade e dignidade condizentes com o título de baronetes durante o primeiro ano do reinado de Carlos II,⁸ incluindo todas as Marys e Elizabeths que haviam desposado. O texto ocupava a totalidade de duas belas páginas *in-duodecimo*,⁹ antes de se encerrar com o brasão e a divisa da família: “Sede principal: Kellynch Hall, Somersetshire”, e, novamente na caligrafia de Sir Walter, a seguinte conclusão: “Herdeiro pressuposto:¹⁰ distinto cavaleiro William Walter Elliot, bisneto do segundo Sir Walter.”

A vaidade era o traço dominante do temperamento de Sir Walter Elliot, tanto em relação à sua pessoa quanto à sua situação. Quando jovem, havia sido um homem de beleza notável, e aos 54 anos permanecia muito vistoso. Poucas mulheres davam tanta importância à aparência pessoal

5. Sir William Dugdale (1605-86), genealogista inglês do séc.XVII.

6. No original, *High Sheriff*, cargo cerimonial representante da Coroa num condado.

7. No original, “representante de um *borough*”, ou seja, distrito administrativo com direito a um assento no Parlamento.

8. Monarca restaurado ao trono do Reino Unido em 1660, após curto período de República, que concedeu títulos aos que permaneceram leais a ele – como a família de Sir Walter.

9. Antigo formato de livro obtido a partir da impressão de doze páginas em cada face de uma folha de papel que seria dobrada quatro vezes.

10. De acordo com o Segundo Estatuto de Westminster (de 1285), tanto o título quanto os bens e propriedades de uma família eram transmitidos apenas aos herdeiros do sexo masculino; às filhas mulheres cabia apenas um dote estabelecido pelo pai de acordo com suas posses. O herdeiro pressuposto pode ser excluído da linha sucessória pelo nascimento de um herdeiro direto (herdeiro aparente) ou de outro herdeiro pressuposto mais bem posicionado.

quanto ele, e nem mesmo o valete¹¹ de um lorde recém-nomeado poderia se mostrar mais encantado com a posição que ocupava na sociedade. Para Sir Walter Elliot, a bênção da beleza física só perdia em importância para a bênção de ser baronete, e ele, que reunia em si essas duas dádivas, era objeto constante de seus mais sinceros respeito e devoção.

A beleza física e a posição social de Sir Walter mereciam sua grande estima pelo menos em um quesito, pois ele lhes devia o fato de ter tido uma esposa de caráter muito superior a qualquer coisa que o seu próprio pudesse merecer. Lady Elliot havia sido uma mulher excelente, sensata e agradável, cujos juízo e conduta, uma vez perdoada a paixão juvenil que a fizera virar Lady Elliot, não haviam mais necessitado qualquer indulgência. Ela havia tolerado, atenuado ou ocultado os defeitos do marido e promovido sua verdadeira respeitabilidade ao longo de dezessete anos; e, ainda que não fosse ela própria a criatura mais feliz do mundo, havia encontrado nos afazeres, nos amigos e nas filhas razão suficiente para prender-se à vida e para não ser motivo de indiferença quando foi chamada a abandoná-los. Três meninas, as duas mais velhas com dezesseis e catorze anos, era um péssimo legado para uma mãe deixar; ou, melhor dizendo, um péssimo fardo a se confiar à autoridade e orientação de um pai vaidoso e tolo. Lady Elliot, porém, tinha uma amiga muito chegada, mulher sensata e merecedora, que fora levada, pela forte amizade que as unia, a morar perto da família, no vilarejo de Kellynch; e a gentileza e os conselhos dessa amiga eram as suas principais garantias no que tangia ao auxílio e à manutenção dos bons princípios e da instrução que vinha se esmerando para ministrar às filhas.

Fossem quais fossem as suposições nesse sentido entre seus conhecidos, essa amiga e Sir Walter *não* se casaram. Treze anos já haviam transcorrido desde a morte de Lady Elliot, e os dois continuavam vizinhos e amigos íntimos; ele ainda viúvo, e ela igualmente viúva.

O fato de uma mulher madura em idade e temperamento e dona de uma situação financeira privilegiada como Lady Russell nem cogitar contrair segundas núpcias não requer nenhuma justificativa junto à opinião pública, que, na verdade, tende a se mostrar excessivamente descontente

11. Criado pessoal de um nobre, responsável pela vestimenta e aparência de seu senhor.

quando uma mulher *se casa* novamente, e não quando ela *não* o faz; mas o fato de Sir Walter continuar solteiro requer uma explicação. Saiba-se, portanto, que Sir Walter, como bom pai que era (e depois de ter tido uma ou duas decepções pessoais em tentativas bem pouco sensatas), orgulhava-se de permanecer solteiro pelo bem de sua querida filha. Por uma delas, a mais velha, ele de fato teria aberto mão de qualquer coisa, algo que não lhe era muito tentador. Aos dezesseis anos, Elizabeth havia herdado tudo que havia sido possível herdar dos direitos e da autoridade da mãe; e, por ser muito bonita, e muito parecida com o pai, sempre tivera grande influência junto a ele, e os dois se entendiam às mil maravilhas. As duas outras filhas tinham um valor muito menor. Mary havia adquirido uma pequena importância artificial ao desposar Charles Musgrove; mas Anne, cujo caráter elegante e trato gentil teriam lhe garantido um lugar de destaque em qualquer grupo dotado de real discernimento, não era ninguém nem aos olhos do pai, nem aos da irmã; sua palavra nada valia, seu papel era ceder sempre – ela era apenas Anne.

Para Lady Russell, no entanto, Anne era uma afilhada altamente querida e muito prezada, favorita e amiga. Lady Russell amava as três moças, mas era somente em Anne que podia imaginar Lady Elliot reencarnada.

Alguns anos antes, Anne Elliot fora uma moça de aparência muito bonita, mas seu viço havia fenecido cedo; e como, mesmo no auge desse viço, o pai pouco encontrara para admirar na filha (cujos traços delicados e suaves olhos escuros eram radicalmente diferentes dos seus), não podia haver nada em seu aspecto físico, agora que ela estava murcha e magra, capaz de despertar sua estima. Ele nunca havia nutrido grandes esperanças, e agora já não tinha nenhuma, de um dia ler o nome de Anne em alguma outra página de seu livro preferido.¹² Qualquer enlace digno teria que vir de Elizabeth, pois Mary havia apenas se casado com o membro de uma antiga família rural respeitável e dotada de grande fortuna, sendo, portanto, a *provedora* de toda a honra sem receber nenhuma em troca; Elizabeth, mais cedo ou mais tarde, faria um casamento adequado.

12. Isto é, esperança de vê-la se casar com o detentor de algum título importante, o que faria com que o nome de Anne figurasse nesse livro também junto à família do marido.

Às vezes ocorre de uma moça ser mais bela aos vinte e nove anos do que o era uma década antes; e, de modo geral, a menos em caso de doença ou ansiedade, trata-se de uma fase da vida em que a mulher não perde nada de seu charme. Assim foi com Elizabeth, que ainda era a mesma bela srta. Elliot¹³ que começara a ser treze anos antes, o que desculpava o fato de Sir Walter esquecer sua idade ou, no mínimo, justificava que ele fosse considerado apenas parcialmente tolo ao julgar que tanto ele quanto Elizabeth mantinham o mesmo viço de sempre em meio à ruína da aparência física de todos os demais, pois ele podia ver muito bem como seus parentes e conhecidos estavam envelhecendo. Anne emaciada, Mary embrutecida, a piora coletiva dos semblantes dos vizinhos e o rápido aumento dos pés de galinha nas têmporas de Lady Russell; já fazia algum tempo que tudo isso era para ele uma fonte de preocupação.

Elizabeth não chegava a se equiparar ao pai em matéria de satisfação pessoal. Fazia treze anos que era a senhora de Kellynch Hall, casa que presidia e administrava com segurança e autoridade de modo que jamais transmitiria a impressão de ser mais jovem do que na realidade era. Havia treze anos ela vinha fazendo as honras para os convidados, estabelecendo as leis domésticas, seguindo na frente para subir na caruagem e saindo de todos os salões e salas de jantar das redondezas atrás apenas de Lady Russell.¹⁴ O gelo de treze invernos a tinha visto abrir todos os bailes dignos de nota proporcionados por uma região tão modesta, e os botões de treze primaveras haviam florescido enquanto ela viajava para Londres na companhia do pai para passar algumas semanas por ano gozando os prazeres mundanos da cidade grande. Disso tudo ela se lembrava, e a consciência de estar com vinte e nove anos lhe provocava alguns arrependimentos e alguma apreensão: o fato de conservar a mesma beleza de antes lhe causava grande satisfação, mas ela sentia que se aproximava dos anos perigosos, e teria se alegrado com a certeza de ser devidamente solicitada por algum pretendente com sangue de baronete

13. O uso do sobrenome cabe somente à filha mais velha; as demais filhas devem ser tratadas pelo primeiro nome.

14. Apesar de ser a primeira em importância na hierarquia das mulheres da própria casa, em eventos sociais Elizabeth ficava abaixo de Lady Russell, viúva de um cavaleiro.

antes de transcorridos os próximos doze ou vinte e quatro meses. Nesse caso, talvez tivesse tornado a abrir o livro dos livros com o mesmo prazer do início da juventude, mas agora não gostava de fazê-lo. Deparar-se a cada vez com a data do próprio nascimento sem nenhuma subsequente indicação de casamento a não ser o da irmã caçula tornava o livro um estorvo; e em mais de uma ocasião, depois de o pai tê-lo deixado aberto sobre a mesa ao seu lado, ela o havia fechado olhando para o lado antes de empurrá-lo para longe.

Além disso, Elizabeth havia tido uma decepção da qual aquele livro e sobretudo a história de sua própria família sempre lhe fariam lembrar. Quem a decepcionara fora o herdeiro pressuposto do título, o próprio distinto cavalheiro William Walter Elliot cujos direitos haviam sido tão generosamente defendidos por seu pai.

Quando era muito jovem, assim que soubera que ele, caso ela não tivesse nenhum irmão homem, seria o futuro baronete, Elizabeth havia decidido desposá-lo, e seu pai sempre tivera a intenção de que assim fosse. Eles não conheceram William durante a infância; logo após a morte de Lady Elliot, porém, Sir Walter havia procurado estreitar os laços, e, embora suas iniciativas não tivessem sido acolhidas com qualquer efusão, havia insistido nelas, atribuindo a frieza à modéstia e ao acanhamento da juventude; assim, durante uma de suas temporadas primaveris em Londres, quando Elizabeth estava no primeiro auge da beleza, sr. Elliot havia sido forçado a conhecer a família.

Na época, ele era um rapaz muito jovem, recém-ingressado no estudo do direito, e Elizabeth o considerou extremamente agradável, e todos os planos em relação a ele se confirmaram. Ele foi convidado a Kellynch Hall, o que deu margens a conversas e expectativas durante o resto do ano, mas nunca apareceu. Na primavera seguinte, tornou a ser visto na cidade, foi considerado igualmente agradável e novamente solicitado, convidado e aguardado, e novamente não apareceu; e a notícia seguinte foi que havia se casado. Em vez de aumentar seu prestígio no caminho traçado para o herdeiro da casa dos Elliot, ele havia conquistado independência unindo-se a uma mulher rica de baixa extração.

Sir Walter ficara ofendido. Como chefe da casa, sentia que deveria ter sido consultado, sobretudo depois de ter tentado conduzir o rapaz de

forma tão ostensiva: “Pois nós devemos ter sido vistos juntos”, observou, “uma vez em Tattersall¹⁵ e duas vezes no saguão da Câmara dos Comuns.” Seu desagrado foi manifestado, mas aparentemente muito pouco levado em conta. O sr. Elliot não havia feito qualquer tentativa de se desculpar e mostrara-se tão indiferente ao fato de não ser mais alvo do interesse da família quanto Sir Walter o considerava indigno de tal interesse; e toda relação entre eles havia cessado.

Muitos anos depois, esse constrangedor episódio com o sr. Elliot ainda causava raiva em Elizabeth, que havia apreciado o rapaz pelo que era, e mais ainda por ser herdeiro de seu pai, e cujo forte orgulho familiar só conseguia ver *nele* um pretendente à altura da primogênita de Sir Walter Elliot. Não havia nenhum baronete, de A a Z, que os seus sentimentos pudessem ter reconhecido tão facilmente como seu semelhante. No entanto, ele havia se comportado de forma tão lamentável que, embora atualmente (no verão de 1814) Elizabeth estivesse usando fitas pretas por sua esposa,¹⁶ nem sequer cogitava tornar a gratificá-lo com sua consideração. A desgraça daquele primeiro casamento, uma vez que não havia motivos para supor que houvesse sido perpetuado por filhos, poderia ter sido superada caso ele não tivesse feito coisa ainda pior; no entanto, conforme haviam sido informados pela costureira intervenção de gentis amigos, ele havia se referido à família toda de forma muito desrespeitosa, menosprezando e desdenhando o próprio sangue e as honrarias que posteriormente seriam as suas próprias. E para isso não podia haver perdão.

Eram esses os sentimentos e as sensações de Elizabeth Elliot; essas as preocupações que temperavam e as agitações que animavam a mesmice e a elegância, a prosperidade e o vazio de sua vida; esses os sentimentos que davam colorido à longa e tediosa residência em uma mesma comunidade rural, e preenchiam os tempos mortos, na inexistência de um hábito útil fora de casa, um talento ou uma realização doméstica para ocupá-los.

Agora, porém, a tudo isso vinha se somar outra ocupação e inquietude. Seu pai estava começando a ter problemas financeiros. Ela sabia que agora,

15. Famoso mercado de cavalos londrino.

16. Em sinal de luto.

quando ele abria o Baronetage, era para espantar do pensamento as altas contas de seus fornecedores e as desagradáveis insinuações de seu administrador, o sr. Shepherd. Kellynch era uma propriedade sólida, mas não era condizente com a concepção que Sir Walter fazia do estilo de vida que seu proprietário deveria ter. Quando Lady Elliot ainda era viva, havia método, moderação e economia suficientes para mantê-lo dentro das possibilidades de sua renda; mas todas as considerações desse tipo haviam morrido junto com a esposa, e a partir de então ele vinha ultrapassando constantemente essas possibilidades. Não lhe fora possível gastar menos: ele nada fizera a não ser o que Sir Walter Elliot tinha a obrigação de fazer; no entanto, por mais isento de culpa que estivesse, não apenas estava acumulando muitas dívidas, como também ouvindo falar tanto no assunto que se tornou vão tentar esconder, ainda que parcialmente, a situação da filha por mais tempo, ainda que parcialmente. Na última primavera em Londres, ele havia feito algumas alusões ao problema; chegara até a dizer: “Será que não podemos economizar? Você consegue pensar em algum artigo no qual possamos economizar?” E Elizabeth, justiça lhe seja feita, tomada pelo ardor inicial do alarme feminino, havia começado a pensar seriamente no que poderia ser feito, e por fim sugerido duas formas de economia: cortar algumas doações de caridade desnecessárias e evitar uma reforma do salão; a isso acrescentou, posteriormente, a feliz ideia de não levarem nenhum presente para Anne, como era o costume anual. Essas medidas, porém, por melhores que fossem em si, não bastaram para sanar o mal, cuja extensão Sir Walter se viu obrigado a confessar à filha pouco depois. Elizabeth não teve qualquer outra sugestão mais eficaz. Assim como o pai, sentia-se maltratada e infeliz, e nenhum dos dois era capaz de imaginar qualquer forma de diminuir as despesas sem comprometer a dignidade ou abrir mão do conforto em que viviam de uma forma que lhes seria impossível de tolerar.

De todas as terras que possuía, Sir Walter só podia dispor de uma pequena parte;¹⁷ no entanto, ainda que tivesse sido possível alienar todos os seus hectares, isso não teria feito a menor diferença. Aceitara hipotecar

17. A propriedade de Sir Walter tinha de ser transmitida integralmente em herança, com exceção de uma pequena parte passível de venda.

até onde podia, mas jamais aceitaria vender. Não, jamais causaria tamanha desgraça ao próprio nome. A propriedade de Kellynch seria transmitida íntegra e completa, como ele a havia recebido.

Os dois amigos e confidentes da família, o sr. Shepherd, que morava na cidade vizinha, e Lady Russell, foram chamados para ajudar; e ambos, pai e filha, pareciam esperar que um ou outro conseguisse encontrar alguma solução capaz de eliminar o constrangimento e reduzir as despesas sem acarretar a perda de qualquer satisfação do gosto ou prazer.

CAPÍTULO 2

Fossem quais fossem sua influência e opinião acerca de Sir Walter, o sr. Shepherd, advogado cortês e cauteloso, preferia que a sugestão *desagradável* fosse feita por outra pessoa, preferia se abster de qualquer pronunciamento e apenas pediu licença para recomendar uma referência implícita ao excelente juízo de Lady Russell, em cujo notório bom-senso tinha plena confiança para o aconselhamento justamente das medidas resolutas que pretendia adotar em última instância.

Lady Russell demonstrou um zelo aflito em relação ao assunto, que considerou com grande seriedade. Era uma mulher de qualidades sólidas mais do que rápidas, e teve grande dificuldade para tomar uma decisão na questão devido à oposição de dois princípios importantes. Ela própria possuía uma firme integridade e uma delicada noção de honra, mas tinha tanto desejo de poupar os sentimentos de Sir Walter, tanta preocupação com a reputação da família e tanta nobreza na avaliação do que lhes era devido quanto poderia ter qualquer pessoa dotada de bom-senso e honestidade. Era uma mulher benevolente, caridosa e boa, capaz de estabelecer vínculos fortes, muito correta em sua conduta, rígida em sua concepção do decoro, e seus modos eram considerados uma referência da boa estirpe. Possuía um espírito culto, e de modo geral sempre se mostrava racional e lógica; tinha, porém, alguns preconceitos no que dizia respeito à hereditariedade: sua valorização da posição e do prestígio social a tornavam cega para os defeitos de quem os possuísse. Viúva de um reles cavaleiro, dava ao título de baronete todo o valor que este merecia; e Sir Walter, pelo simples fato de ser Sir Walter, independentemente de ser um velho conhecido, vizinho atencioso, senhorio prestativo,¹⁸ marido de sua querida amiga e pai de

18. Lady Russell mora em um chalé dentro da propriedade de Kellynch, como ficará claro posteriormente.

Anne e das irmãs, era, em sua concepção, merecedor de imensas doses de compaixão e consideração em meio às dificuldades que atravessava.

Precisavam economizar, disto não havia dúvida. Mas Lady Russell fazia questão de que isso causasse a menor dor possível para Sir Walter e Elizabeth. Traçou planos para a contenção de gastos, realizou cálculos exatos e fez o que mais ninguém pensou em fazer: consultou Anne, que os outros nunca pareciam pensar que tivesse qualquer interesse na questão. Consultou Anne, e foi em grande medida influenciada por ela na elaboração do plano de economias finalmente apresentado a Sir Walter. Todas as alterações de Anne haviam privilegiado a honestidade em detrimento da importância. Ela defendia medidas mais vigorosas, uma reforma mais ampla, uma quitação mais rápida das dívidas, um tom bem mais enfático de indiferença em relação a tudo que não fosse justiça e equidade.

– Se conseguirmos persuadir seu pai de tudo isso – disse Lady Russell ao examinar o papel –, muito poderá ser feito. Se ele adotar estas regras, daqui a sete anos estará livre de dívidas. E espero que consigamos convencê-lo, e a Elizabeth de que Kellynch Hall possui uma respeitabilidade intrínseca que não pode ser afetada por essas reduções, e que a verdadeira dignidade de Sir Walter Elliot não será de forma alguma comprometida aos olhos das pessoas sensatas pelo fato de ele agir como um homem de princípios. Afinal, o que ele estará fazendo que muitas de nossas primeiras famílias já não fizeram ou deveriam fazer? Não haverá nada de singular em seu caso, e aquilo que muitas vezes constitui a pior parte de nosso sofrimento, assim como sempre constitui a pior parte de nossa conduta, é a singularidade. Tenho grandes esperanças de que iremos superar isso. Precisamos ser sérios e decididos; afinal de contas, quem contraiu dívidas deve pagá-las. E, embora os sentimentos de um cavalheiro e chefe de família como seu pai devam ser levados em conta, deve ser levado em conta mais ainda o caráter de um homem honesto.

Era segundo esse princípio que Anne desejava ver o pai se comportar e os amigos do pai o incentivarem a agir. Ela achava que era dever indispensável do pai sanar as dívidas junto a seus credores com toda a rapidez que as mais amplas economias pudessem garantir, e não considerava digna qualquer outra atitude. Queria que isso fosse prescrito e entendido como um dever. Tinha a influência de Lady Russell em alta conta; quanto ao

severo grau de privações ditado pela própria consciência, imaginava que não seria muito mais difícil persuadi-los a fazer uma reforma completa do que uma reforma parcial. O conhecimento que tinha do pai e de Elizabeth a levava a pensar que o sacrifício de uma parelha de cavalos não seria muito menos doloroso do que o de duas, e assim por diante, na lista de reduções excessivamente branda elaborada por Lady Russell.

Pouco importa como as requisições mais rígidas de Anne poderiam ter sido recebidas. As de Lady Russell não tiveram nenhum sucesso; não podiam ser toleradas, não seriam suportadas. “O quê? Todos os confortos da vida eliminados! Viagens, Londres, criados, cavalos, comida... reduções e restrições por toda parte! Viver sem ter nem sequer as decências de um modesto cavalheiro! Não, ele preferia deixar Kellynch Hall na mesma hora a permanecer ali em condições tão degradantes.”

“Deixar Kellynch Hall.” A sugestão foi aceita na hora pelo sr. Shepherd, que tinha interesse na concretização das economias de Sir Walter e estava inteiramente convencido de que nada seria feito sem uma mudança de residência. “Uma vez que a ideia tinha sido iniciada pelo próprio indivíduo que deveria ditar as ordens”, ele não tinha escrúpulos, afirmou, para se confessar totalmente favorável a essa opinião. Não lhe parecia que Sir Walter “fosse capaz de alterar substancialmente o seu estilo de vida em uma casa que precisava manter tamanho padrão de hospitalidade e dignidade ancestral. Em qualquer outro lugar, Sir Walter talvez pudesse julgar por si mesmo, e ser respeitado ao regular seu modo de viver da maneira que julgasse mais adequada para administrar seu lar.”

Sir Walter iria deixar Kellynch Hall, e após mais uns poucos dias de dúvida e indecisão a grande questão de para onde ele iria ficou resolvida e o primeiro esboço dessa importante mudança foi traçado.

Eram três as alternativas: Londres, Bath ou outra casa no campo. Todos os desejos de Anne tendiam para a última opção. Uma pequena casa na mesma região em que moravam agora, onde ainda pudessem conviver com Lady Russell, estar perto de Mary e ter o prazer de ainda ver de vez em quando os gramados e bosques de Kellynch: tal era o objeto de sua ambição. Mas o destino habitual de Anne a esperava, e a decisão tomada foi algo muito diferente de sua inclinação. Ela não gostava de Bath, não achava que a cidade lhe fizesse bem – e Bath se tornaria o seu novo lar.

No início, Sir Walter se mostrara mais inclinado a se mudar para Londres, mas o sr. Shepherd pensava que não seria possível confiar nele em Londres, e tivera habilidade suficiente para persuadi-lo a não ir e a preferir Bath. Tratava-se de um lugar bem mais seguro para um cavaleiro em sua difícil situação: lá ele poderia ser importante a um custo comparativamente mais baixo. Naturalmente, todo o peso possível havia sido atribuído a duas vantagens materiais de Bath em relação a Londres: a distância mais conveniente de Kellynch, apenas oitenta quilômetros, e o fato de Lady Russell passar parte de cada inverno na cidade. E, para grande satisfação de Lady Russell, cujas primeiras opiniões em relação à mudança prevista haviam favorecido Bath, Sir Walter e Elizabeth foram induzidos a crer que não iriam perder nem prestígio nem prazer ao se instalar ali.

Lady Russell se sentiu obrigada a contrariar os desejos expressos de sua querida Anne. Esperar que Sir Walter se mudasse para uma casinha em sua própria região seria demais. A própria Anne teria considerado as humilhações decorrentes do fato maiores do que o previsto, e para Sir Walter estas devem ter parecido insuportáveis. A antipatia de Anne por Bath, por sua vez, era considerada por Lady Russell um preconceito e um erro oriundos, em primeiro lugar, do fato de ela ter cursado três anos de escola na cidade após a morte da mãe e, em segundo lugar, do fato de Anne não ter se mostrado muito bem-disposta durante o único inverno passado posteriormente ali em sua companhia.

Em suma, Lady Russell gostava de Bath, e estava inclinada a pensar que a cidade se adequaria bem às necessidades de toda a família; quanto à saúde de sua jovem amiga, qualquer perigo poderia ser evitado se Anne viesse passar os meses mais quentes na companhia de Lady Russell, em Kellynch Lodge;¹⁹ e essa era, na realidade, uma mudança que deveria fazer bem tanto à sua saúde quanto ao seu ânimo. Anne havia passado muito pouco tempo fora de casa, e visto muito pouco do mundo. Não andava muito bem-disposta. Um círculo social mais amplo lhe faria bem. Lady Russell queria que ela fosse mais conhecida.

19. *Lodge*, nesse caso, designa uma pequena casa ou chalé localizado no terreno de uma propriedade senhorial.

Para Sir Walter, o caráter indesejável de qualquer outra casa na mesma redondeza certamente foi muito fortalecido por um aspecto da combinação, e um aspecto muito concreto, que tinha sido decidido sem qualquer polêmica desde o princípio. Sir Walter não iria apenas deixar a casa, mas também iria vê-la ocupada por outros: tratava-se de um desafio à sua resistência que homens mais firmes do que ele não haviam conseguido suportar. Isso, porém, era um grande segredo, que não deveria ser revelado fora de seu círculo.

Sir Walter não teria suportado a humilhação de que os outros soubessem que havia se rebaixado a alugar a própria casa. O sr. Shepherd havia pronunciado uma vez a palavra “anunciar”, mas nunca mais se atrevera a tocar no assunto. Sir Walter recusava a ideia de a casa ser anunciada de qualquer forma que fosse, proibia qualquer sugestão de que tivesse tal intenção, e só a alugaria caso fosse procurado espontaneamente por algum candidato irrecusável, segundo suas próprias palavras, e como um grandessíssimo favor.

Como surgem depressa os motivos para aprovar aquilo que nos agrada! Lady Russell tinha outro excelente motivo para estar extremamente satisfeita com o fato de Sir Walter e sua família se mudarem do campo. Ultimamente, Elizabeth vinha estreitando uma amizade que Lady Russell desejava interromper. A amiga em questão era uma das filhas do sr. Shepherd que, depois de um casamento mal-sucedido, tinha voltado para a casa do pai com o fardo suplementar de dois filhos. Era uma jovem esparta, que entendia a arte de agradar – ou pelo menos a arte de agradar em Kellynch Hall –, e que havia conseguido se fazer tão aceitável aos olhos da srta. Elliot a ponto de já ter se hospedado na casa mais de uma vez, isso apesar de todas as sugestões de cautela e reserva de Lady Russell, para quem essa amizade era um tanto inadequada.

Lady Russell, de fato, não tinha quase nenhuma influência sobre Elizabeth, e parecia amá-la porque assim desejava, e não porque Elizabeth merecesse. Nunca havia recebido da moça mais do que uma atenção superficial, nada além do respeito às normas da boa educação; jamais conseguira persuadir Elizabeth de qualquer coisa quando sua inclinação prévia era contrária. Tinha se mostrado diversas vezes muito enfática ao tentar incluir Anne na viagem a Londres, muito sensível a toda a injustiça e a todo

o descrédito dos arranjos egoístas que a excluía, em muitas ocasiões de menor importância, tinha tentado beneficiar Elizabeth com as vantagens de seu próprio juízo e experiência superiores. Mas tudo havia sido sempre em vão: Elizabeth só fazia o que queria, e em nenhuma ocasião havia se mostrado mais decidida em sua oposição a Lady Russell do que naquela questão relacionada à sra. Clay, virando as costas à relação com uma irmã tão merecedora e depositando seu afeto e confiança em uma mulher que nada deveria ter sido para ela a não ser objeto de uma civilidade distante.

Na opinião de Lady Russell, a sra. Clay era uma companhia muito desigual por sua posição social e muito perigosa por seu caráter, e uma mudança que deixasse a sra. Clay para trás e proporcionasse à srta. Elliot um leque de amigas mais adequadas era uma questão de suma importância.